

Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne
Redactor, Thomaz Rocha dos Santos
Redacção: Rua 31 de Janeiro
Administração: Rua de Payo Galvão, 70

SEMANARIO MONARCHEICO

Propriedade da Empreza
DOS
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesense
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

ENTREABERTA DE AGUEEIROS

Sete annos e dois mezes são passados depois que a aurora fulgurante de cinco d'outubro derrubou um regimen de opressão, de crapula e de mentira para o substituir pelo regimen da liberdade, da fraternidade e da equaldade... em proveito dos apóstolos d'este regimen.

Da somma de glorias e proveitos que para a Nação portugueza resultou da mudança, são testemunhas a fome e a guerra, a intranquillidade e o desassossego, a dissolução da familia, a ausencia de crenças, o desprezo pela vida e fazenda dos que não quizeram abafar no seu coração as saudades do passado.

Fundada a republica para satisfação de ambições, irrealizáveis sob uma monarchia em que, muito embora a constituição a democratizasse, um lugar ficava no entanto vedado a ambiciosos, o mais alto e o mais bello—o de chefe do Estado, a ré publica portugueza tem-se desempenhado conscienciosamente d'essa obrigação. O velho privilegio de só poder ser occupado tal logar pelos membros de uma familia, incommodava o povo, na pessoa dos seus idolos.

Os chefes do Estado monarchicos, de ninguém dependendo para atingir esse alto posto, não tinham que gratificar quem a elles os elevasse; era esse portanto um emprego, que só a um certo e determinado individuo aproveitava, e a mais ninguém, o que de forma alguma lhes convinha. A este inconveniente veio, muito sabida e prudentemente obtemperar o sistema republicano.

Um bernardino qualquer póde perfeitamente transitir de nacionalidade e passar de simples vegete a chefe de estado; para isso basta apenas reunir os suffragios de um certo numero de interessados na sua prosperidade.

D'ahi o sentimento de gratidão, apanagio das almas nobres, não esperar senão a oportunidade de se manifestar a favor de amigos tão esclarecidos e prestimosos.

Esses amigos, assim prestimosos e esclarecidos, e perfeitamente conhecedores da sua força, que é tão grande que podem, sem auxilio de mais ninguém, pôr no seu edificio politico a respectiva cupula, não se descuriam de a fazer sentir. Elles podem igualmente tirar, e até tornar a pôr a mesma cupula, porque isso é apenas um acto da sua vontade soberana, como soberana é a vontade do povo que elles dizem representar.

Portanto um bernardino, uma vez collocado no alto do monumento, tem o especialissimo cuidado em lá se conservar o mais que puder a gosto de quem lá o pôs, e por mais rasgadas que sejam as cortezias á direita e á esquerda, se repararem, verão que o movimento da perna correspondente sempre ao movimento do braço, não vá ás vezes o equilibrio perder-se e ir a terra.

No entanto, politicos ha tão previdentes que, receiando um vendaval em tão grandes alturas, tomam a precaução de atarrachar o boneco. Fica um pouco preso

de movimentos é certo, mas o inconveniente fica compensado pela segurança do aparelho.

Ora porque o snr. Bernardino Machado, assim atarrachado, não girava tão lepidamente no seu eixo como gallo de campanario sertanejo, é que lá foram uns patriotas, sempre em nome da ré publica, da liberdade e tambem da Patria (não fosse ás vezes tornar-se reparada a omissão), deseneravando S. Ex.ª, para bem da liberdade... de taes patriotas principalmente.

Porque, não nos iludamos, este movimento que tanto sangue fez correr, criminoso na maior parte, mas muito tambem innocente, de nada aproveita senão a uma facção que, cansada de esperar a sua vez de comer, se encheu de coragem para empurrar os outros de junto da cubiçada gamella.

Poderá certamente trazer um momentaneo desafogo, uns minutos de socego enquanto mata a fome, mas, de posse do queijo e da faca, não largarão a faca enquanto tiverem queijo, e não largarão o queijo enquanto os outros lho não venham por sua vez tirar, e assim será sempre enquanto a bandeira de ambos os partidos for a... do tinto verde.

Prenderam o Affonso Costa, que punha o boneco em movimento, e julgam morta a questão!!! Ha já quem veja o aniquilamento do tyranno numa coisa tão somenos, de que elle proprio se está a rir, e com razão, principalmente por chamarem a isto o Thermidor.

Chamar a oito de dezembro nove de Thermidor é desconhecer a diferença que ha entre uma força e uma cadeia.

Robespierre cessou a serie pavorosa dos seus crimes porque a guilhotina lhe poz um irrevogavel termo; se simplesmente em o Thermidor o desterrassem ou o mettessem numa prisão, elle regressaria tarde ou cedo do exilio, e tarde ou cedo recuperaria a liberdade... para recomeçar.

É o que temos a esperar dos snrs. Affonso Costa, Pulhote do Rego e Norton de Mattos. Verificado que a ré publica se fez para o snr. Bernardino e estes três patifes, não admittimos mesmo a possibilidade de ella poder dispensar o seu concurso; ou então os snrs. Sidonio, Machado Santos e Comp.ª terão de recorrer aos mesmos processos de que elles se serviram, para contra elles se poderem aguentar.

Muito boas intenções tinha o honrado e illustre general Pimental de Castro e comtudo viu-se o que d'ellas resultou; o mesmo resultará do actual movimento, por mais cravos, parafusos e pontos com que o grande sapateiro Machado Santos segure as meias solas, que agora deitou no par de botas, com que em cinco de outubro brindou o velho Portugal.

A justiça popular é sempre a justiça popular: além de cega, como toda a justiça é, por cima de tudo, estúpida. Na sua insensatez foi castigar os crimes dos bandidos, na pessoa dos accionistas das companhias de seguros, e com o prejuizo nacional de irem talvez ali-

mentar fogueiras papeis preciosissimos.

Vamos talvez por isso ficar sempre na ignorancia do preço porque elles venderam aos aliados o nosso sangue e as lagrimas de tantos orphãos e de tantas viúvas, e a desolação de tantos paes.

Ficaremos talvez sem saber quanto custou o silencio sobre os incendios do arsenal, e do deposito de fardamentos; quanto rendeu a cedencia dos navios allemães á Inglaterra; por quanto esse canalha do Leote se promptificou a bombardear a capital do seu paiz; quanto rendeu o negocio dos binubas, e toda essa serie de traficancias e maroteiras com que os chefes da quadrilha se celebrisaram.

Provera a Deus que no meio da onda popular houvesse uma força que lhe orientasse a corrente de modo a pouparem-se os documentos, as provas irrefutáveis dos crimes de direito commum por taes patifes praticados, porque, quanto aos crimes politicos... piff...! a brandaria dos nossos costumes deitará o manto da misericordia por de sobre os delinquentes, ainda mesmo quando faça em cada anno um 8 de maio que a ausencia de guilhotinas nunca deixará confundir com o Thermidor.

«O Dia»

Este nosso querido collega da capital que tinha suspenso, temporariamente, a sua publicação, sahio de novo, ha dias.

É justificado motivo de jubilo para a grande familia monarchica o reaparecimento do denodado campeão da nossa Causa, que sem duvida é um jornal de combate e temido, bastando para isso estar á sua frente o grande e consagrado jornalista snr. Moreira d'Almeida, a quem particularmente cumprimentamos.

Felicitemos O Dia, e muito intensamente nos regosijamos com o seu reaparecimento.

Salus populi, suprema lex

Eu não sei uma palavra de jurisprudencia, e é possível que o meu minguado intellecto não alcance mesmo até enunciar sem erro um conceito de direito natural. Mas, escudado na reconhecida auctoridade dos codigos do Povo-Rei, ousou lembrar, áquelles a quem o sangue e o esforço dos humildes desesperados acaba de entregar os sellos do estado, a oportunidade, a necessidade mesmo, de applicarem no actual momento a formula que me serve de epigraphe.

Eu convenho em que se entregue ás justias regulares, em que se adie, até, para uma epocha de maior calma, a punição de tantos e tão atroz delictos de que se tornaram reus os membros da seita cahida, contra a Patria, contra a Sociedade, contra a Humanidade. D'outro modo correr-se-ia o risco de os imitar, profanando com mesquinhas vinganças o sacrosanto ideal da Justiça. Isto, porém, quanto á punição.

Mas já não se dá o mesmo com a reparação. Esta, reclama-a, e immediata, a salvação do povo, a suprema lei, d'aquelles que, para poderem ostentar um luxo insolente, impuzeram a

tantos desprotegidos o supplicio da fome e da vergonha; e depois de os terem impellido á revolta pelo desespero, lhes sacrificaram as vidas, na ponta das baionetas ou na bocca das carabinas, á voracidade insaciavel dos seus estomagos de impios sibaritas; d'aquelles que compraram, compromettendo a honra da Patria em escuras negociatas, as fitas e veneras já agora enodoadas ao contacto de peitos manchados pela deshonra; d'aquelles cuja ambição, suffocando-lhes nas almas corruptas todo o germen de sentimento humano, os levou a conduzir-nos, sem a minima sombra de remorso, a esta desastrosa e quiçá insanavel situação economica e financeira.

Nos asphixiamos na atmosfera de afflicção que elles nos crearam: abram-nos, á custa dos seus lucros, um respiradoiro, um lenitivo.

A angustiosa situação do thesouro, não permite acudir já á miseria dos famintos? Lembrem-se que ha cofres recheados á custa das suas lagrimas.

Para o immenso mal que nos causaram ha um remedio; palliativo, sim, mas cuja efficacia é até augmentada pela satisfação moral:

A confiscação. Amedronta-nos, esta palavra, não escripta no nosso codigo penal? Mais nos devia amedrontar a palavra «morte» e elles ahí a tornaram a escrever. E' justo, e ainda mais, é necessario:

Salus populi, suprema lex.
Porto, Dezembro de 1917.

Gaspar Machado.

«O Liberal»

Os Echos de Guimarães ao saudarem o illustre e destemido collega O Liberal, cumprimentam effusivamente os seus dirigentes, regosijando-se com a sua vinda do exilio, imposto por o despotismo democratico, que felizmente parece ter acabado.

A Derroçada

A morte de um partido e o seu balanço final

Tudo nos levava a crer que a derrocada do partido democratico se não faria demorar muito. Tudo o indicava:—os crimes que se succediam dia a dia e que somados e multiplicados revoltariam por fim o povo que d'olhos cegos havia de sentir o sangue a sufoca-lo; as violencias, as insidias, as demencias torpes que o governo e a formiga empregavam para se sustentarem na sua falsa posição; a politica mesquinha, insensata que hora a hora ia levando inertes e sonambulos o povo e o paiz para o abysmo de lama e de miserias, de crimes e de traições, que elles os democraticos, os falsos amigos da patria, cavavam com suas proprias mãos criminosas.

Tudo indicava, tudo nos levava a crer que o partido infame teria um fim, teria uma morte ruidosa perante todos: perante a nação que ha sete annos vem soffrendo as injurias de umas centenas de bandidos, de ladrões de

estrada, de assassinos cobardes, perante o povo que se desvairara com o 5 de outubro e com os comicios e com as philarmonias; perante alguns portuguezes ingenuos, de uma passividade tremenda, de convicções moles que ainda esperavam que isto ainda havia de ter um bom caminho.

O partido caiu emfim. Foram precisos sete annos de servidão ignobil, sete annos de crimes repugnantes com que os democraticos não só attingiam as pessoas como iam ferir duramente a propria Patria que elles apregoavam sempre, com grandes berros, nos seus jornaes immundos, nos seus comicios ridiculos, como os leiloeiros apregoam;—para a vendem melhor. O seu patriotismo foi sempre durante estes sete annos de vergonhas e de lagrimas uma questão de dinheiro. Quando elles os vermelhos, os infames soltavam vivas á Patria, não era o coração (que não tinham) que falava, era o ventre enormissimo que gritava e roncava, esfomeado e eternamente insatisfeito. Como homens de commercio, como exemplares caixeiros de praça, não é para admirar que tivessem nestes sete annos de republica devassa, apregoado a Patria:—elles, ambiciosos, insatisfeitos sempre, queriam vende-la por bom preço e a quem melhor pagasse.

Mas emfim, foi preciso que se aproximasse o dia 5 de Dezembro, que Sidonio Paes conseguisse aggrupar em sua volta um punhado de rapazes dignos e valentes e convencer um outro punhado de rapazes que ainda não se tinham decidido a combater a hidra, para que a derrota do partido infame e democratico se desse, e que a sua morte fosse um facto de que hoje não davidam, nem o povo que se redimiu, nem os adversarios que o tem combatido, nem os seus partidarios que fugiram e se esconderam.

A derrocada do partido democratico é um facto de uma certeza inabalavel. O democratismo estremeceu de cima a baixo, convulsionou-se todo, vilmente e ridiculamente esperneou, na sua baixeza, na ignominia, no seu sangue de crime e de miseria—e morreu, como morrem os assassinos, os doídos e os traidores, agitando-se, recuando, encolhendo-se de frio e de pavor ante as visões cyclicas dos espectros que falam do castigo e trazem o remorso que avaralha e amortalha o pouco que ha ainda de consciencia.

O democratismo morreu. Morreu e ardeu, porque a justiça do povo, a tal justiça de que os democraticos falavam quando a formiga assaltava os jornaes monarchicos, ante-hontem e hontem assaltou a casa do Ligorio e a casa do Baleote do Rego, queimou a redacção do papelucho immundo que tinha durante a sua vida sombria o nome O Mundo, e foi, desvairada é certo, mas justiceira, é innegavel, fazer o despejo completo e a limpeza higienica ao Centro da rua Ivens e ao Directorio de S. Carlos. O mesmo povo que se deslumbrára e cegara e aplaudira a seita infame, hontem; redimida a consciencia clara, deitou os idolos por terra e proclamou a sua independencia.

Morreu o democratismo, gremio infame de infames leiloeiros, que com infames queria conviver. O democratismo tinha de morrer

um dia. Era impossível que continuasse por mais tempo a dominar e a envilecer, a cobrir de vergonha e a salpicar de sangue, os portugueses e a Patria.

Porque, como procedia e como vivia o democratismo pulha de javardos democraticos?

Vejamos, rapidamente, ao correr da penna, num balanço ligeiro, o que foi a vida torva e a politica miseravel do partido do Ligario:

—Seita maldita de portugueses indignos, de maus patriotas, de criminosos que para vencerem e para subirem não recuavam perante nenhum obstaculo por maior que fosse, servindo-se do assalto, da traição, do assassinio e do roubo, elles só com assassinos e com ladrões queriam conviver, só aos infames queriam dar o braço criminoso. Todo o seu fito e todo o seu esforço foi desvaifar, enlouquecer, acanalhar o povo que quanto mais inconsciente e cego melhor serviria o partido ligoriano, o partido dos feirantes e dos vendilhões da patria. E era feri-lo nas suas crenças com Augusto José Vieira á frente, velho de uma vida de vinho nas alfurjas e de zig-zags nas vielas, ignorante e demente, livido de uma embriaguez que não acaba e que é, para honra da seita, a sua unica gloria pessoal, porque moralmente nada é, nada valeu, nada será.

Augusto José Vieira, saibam-no todos o nome, para o repellirem todos, era quem ia aos comícios arregimentar honrados ignorantes, negando-lhes a existencia de Deus que a tudo assiste para tudo castigar ao depois, amesquinhando-lhes a ideia ingenua, mas luminosa, fragil por vezes, mas consoladora e salvadora sempre, que elles tinham de Deus, para que elles, honrados, ignorantes e ingenuos, sem a mais leve crença e sem a menor ideia de Deus, não tivessem nunca perante os actos que iam commetter a consciencia a assistir-lhes, e o remorso a agita-los.

Para engrossarem o partido, para que a elle se chegassem os fracos e os irresolutos, elles tam por meio da violencia e do crime lançando por Lisboa e pelas provincias o Terror. E era vellos, chefiados por Armando de Azevedo, no assassinio de Homero de Lencastre, no Porto, e no dum pobre alferes, na Chave d'Oiro.

Seita criminoso, infame e grotesca de feirantes e de maus portugueses, de vis leiloeiros que alto aptegoavam a Patria para melhor a venderem, ella tinha de ser em tudo, nos seus actos e na sua apparencia o que ella era moralmente, na caverna da sua alma tenebrosa: a insignificancia, a loucura, a demencia, a torpeza.

Ella foi tudo o que tinha de ser. Foi a formiga na rua, foi o Armando de Azevedo nos cafes, foi o Afonso Costa na questão ibérica e nas aguas do Ródam, foi o Alexandre Braga no jogo e no castigo irrisorio dos prelados, foi o José do Valle nas bombas de serradura e no jornalismo de taberna, foi o França Borges *souteneur*, que como infame viveu, como infame morreu, e que como infame na historia ignobil e sangrenta da republica ha de ficar.

A democracia foi tudo isto e muito mais. Foi o Antonio Maria da Silva que para não lhe fazerem uma syndicancia fez e pagou com o dinheiro roubado á Nação o nojento quatorze de maio; foi a protecção remunerada dos acambarcadores que matavam de fome o povo que pagava e não comia; foi a negociata das tropas portuguezas, foi a perfilhacão e o reconhecimento dos revolucionarios civis; foi a administração sombria da Camara Municipal, com protecções equivoacas ao centro de Campo de Ourique.

Foi, quem o ignora hoje? quem poz na França os *caxapins* que o Mundo defendeu.

A democracia foi tudo isto, e foi tudo o mais que podem adivi-

nhar e conceber sem receio de engano e exagero. E para cumulo de tudo isto, para coroar de mais ridiculo o edificio que acaba de desabar, elles collocaram num throno de bieta, transformado em litterato official, o Urbaninho, o Urbaninho de reputação ambigua, antigo creado e antigo alcovi-teiro.

Ah! meus amigos e todos quantos amam a sua Patria conscienciosamente, o partido democratico morreu emfim! Tanto sangue elle fez derramar, que esse mesmo sangue tanto encaudalou, tanto subiu que veiu por fim apodrecer e deitar, por terra o edificio macabro de pulhas e feirantes!

O partido democratico morreu, mas nem todos os democraticos morreram ainda.

Portuguezos que de tal nome sois dignos amae e vigiae a Patria que os vendilhões queriam liquidar!

Rebello de Betencourt.

OS CANALHAS

Ha de ser difficil encontrar uma collecção de pulhas do calibre dos que predominavam no democratismo agora. . . . em pane.

O Afonso, esse canalha que nos tempos da propaganda tanto se esfalfava a berrar contra os esbanjamentos e desperdicios da Familia Real, que tanto sensurava o luxo na sua opinião escusada, dos comboyos especiaes, regressava do estrangeiro (onde talvez fosse vender mais algum farapo da tunica despedaçada da Patria) para onde fora em *comboyo especial*, em companhia da familia.

Poltrão e covarde como todos os tyrannos, deteve-se em Coimbra, e de lá marchou, em *comboyo tambe especial*, para o Porto, baluarte do seu poderio, em busca de um ponto de apoio em que pudesse firmar-se e aguentar-se contra a *ressaca* temerosa.

De lá obrigou o seu ministro dos estrangeiros a telegraphar ao corpo diplomatico que o *movimento monarchico germanophylo* de Lisboa estava suffocado!!

Sempre mentiroso, sempre vil. Foi preso no hotel em que estava, e onde, na sua estulta vaidade, se julgava intangivel, mas não sem dar o spectaculo triste da sua cobardia, negando-se por bocca de parentes e amigos aos captivos que o buscavam, e escondendo-se, o poltrão! pelas cozinhas e adegas, esquivando-se pelos elevadores!!

O Pulhote do Rego, esse renegado, esse parasita indecoroso, esse parlapatão covarde e grotesco, que alimentou o fogo sagrado da nossa participação na guerra e se ficou a banquetear-se no Tejo, não teve vergonha, como canalha authentico que é, de attribuir aos monarchicos o movimento que o despejava da teta pojante, a que se agarrara como carraça a abus de cavalgadura.

Norton, o general Boun da opereta, não tendo a geito cama debaixo da qual pudesse esconder-se, como fizera no 14 de maio, foi abrigar-se, como o Pulhote, como outros collegas do ministério, á sombra de um pavilhão estrangeiro!!

Não se pejou o biltre de ir pedir a estranhos protecção contra o justo castigo que o espera de traidor á Patria e á Nação.

O Antonio Maria, o sujo heroe da traficancia de Rodam, o malandro que trahiou os membros da corporação a que pretendia, e que, como seus subordinados, nelles puzeram a sua confiança, escondeu-se para escapar ás suas tremendas responsabilidades. Não obstante foi encontrado e, para ser infame e pulha até ao fim, foi preso quando, com outros do seu estofo, ja estava a conspirar!!

Para celebrar os feitos d'estes

heroes havia em Lisboa um monturo, vazadouro infecto dos detritos de almas vis, repositorio de venenos, de crapulas e de mentiras, escorrência pestilente de uma imprensa infame, escarneo e vergonha de um jornalismo que cafes regeitariam. Essa ignobil coisa, que se chamava o Mundo, onde um canalha insigne que nem a morte poude purificar e absolver, durante annos ennodou com a sua ascorosa baba tudo quanto era honesto e digno, desde a Magestade dos Reis e dignidade das Rainhas á virtude das religiosas e ao brío dos heroes, contando com a victoria da canalha, tinha de reserva duas bandeira nacionaes, das azues e brancas com o escudo e a coroa real, das que nós vimos tremular na nossa infancia e pelo decorrer da nossa mocidade, das que dão, á sua vista, fremitos aos nervos, das que nós arvoramos em nossos corações emquanto as não podemos arvorar nos mastros dos nossos navios e no alto das torres dos nossos castellos.

E sabeis para quê? Para no caso de fracassar o movimento que varreu a canalha das secretarias do Estado, incitar contra os monarchicos essa cafla infame de carbonarios, vergonha de uma patria e de um regimen, açular essa ignobil matilha contra tudo que fosse honesto e limpo!

Ah! nunca a justiça popular, que a infame papeleta tanta vez instigou contra os outros, foi tão justa como quando por sua vez a reduziu ao silencio, á impotencia, despedaçando esse outro em que se acoitava a escoria do jornalismo e da humanidade!

E foi para que toda esta torja de patifes pudesse livremente jogar aos dados a tunica já rota e esfarrapada da Patria, para que pudesse rir, comer e tripudiar sem empecilhos nem embargos, que se inventou essa infame *sensura*, mordaca que serventuarios tão vis como quem os mandava, punham em cada bocca que clamava justiça!!

Ah! quanto nos custa a nós, que não somos positivamente da massa dos Nortons, Afonsos e Pulhotes, expectorarmos o nosso desprezo sobre os vencidos d'agora!

Absolve-nos o facto de nunca os termos tratado de outra forma quando, senhores do mando e destituídos como são de escrúpulos, lhes estava garantido o direito da desforra, e ainda a convicção bem proxima da certeza, de que vencedores, nos não tratariam melhor.

Dia da Padroeira

A assistencia maternal da Virgem á nossa querida Patria mais uma vez se revelou, e maravilhosamente. Quando tudo parecia desfeito e sobre o corpo aprisionado da nação a unica força organizada era a dos bandidos hoje derrotados, o jacobinismo portuguez encontra emfim o seu Thermidor precisamente no dia da Padroeira de Portugal.

Não foi só o exercito quem venceu na Rotunda. Com os nossos bravos soldados estavam tambem as preces das mulheres de Portugal, as suas lagrimas choradas, as suas mãos erguidas. Estava o sangue innocente de tanta victima clamando a Deus vingança, estavam as dores e os vexames padecidos no silencio e no silencio aguardando a grande hora da justiça reparadora.

Essa hora chegou. E chegou em dia de Nossa Senhora, que ficará para sempre dia da segunda restauração de Portugal.

Se a outra, se a de ha duzentos e setenta e seis annos foi contra o inimigo de fora, esta de agora foi contra o estrangeiro do interior.

Tinham renegado o nosso sangue os ciganos sem escrúpulos

rendidos vergonhosamente a um gesto purificador da mocidade, porque, mais do que ninguém, a mocidade contribuiu para a victoria do movimento. Deu-lhe alma profunda a adhesão em massa da Escola de Guerra. Portugal incorporou-se assim no admiravel renascimento de fé patriótica que por toda a parte é hoje trazido pela juventude. Corações ao alto e confiança serena no futuro. Nossa Senhora da Conceição vela por nós!

Não quizeram crer que a Virgem fallara na charneca de Fatima a três pastorinhos innocentes, promettendo a sua benção á terra desgarrada de Portugal.

Pois o milagre ei-lo evidente na alegria communicativa que a todos nos reúne na mesma ansia de melhores dias para a Patria! Nós que somos crentes, renovamos no nosso coração recolidamente o voto de nossos Maiores, quasi três seculos num dos momentos mais indecisos para a vida de Portugal. Nossa Senhora da Conceição não deixou de ser a nossa Padroeira! Na humildade do nosso reconhecimento, de alma em jubilo festivamente o confessamos. Assim nos acompanham os que não esqueceram ainda de que a historia de Portugal é a historia do culto de Maria. Mais uma vez a Virgem esmagou a serpente! Que a Virgem nos leve debaixo do seu manto até á bonança final, porque suspiram doloridamente sete milhões de portuguezes!

Conta-nos um hospede do Hotel do Porto

Que pelas 9 horas da noite de sabbado, pouco depois do jantar de Afonso Costa e Augusto Soares e da sua comitiva, entrava o vestibulo do hotel um official armado seguido de uma escolta, e dirigindo-se cortezmente ao proprietario sr. Bastos indagou do paradeiro de tão *illustres hospedes*; o dono da casa, titubando, não disse precisamente que elles, naquelle momento, alli se encontrassem, mas que dessem busca ao hotel, pois que effectivamente alli se hospedavam.

Logo no corredor do primeiro andar encontraram um pequeno grupo de democraticos e entre elles um elegante, a quem reconhecido que foi Augusto Soares o official deu voz de prisão, este colheu do seu aposento uma pequena mala de couro inglez e seguidamente apresentou-se, mas Afonso Costa não aparecia, apesar das pesquisas; esse homem, acostumado já a esconder-se nos elevadores, ao ser avisado deixou-se descer até aos baixos do hotel e d'alli passou para um pateo escuro, onde impacientemente esperava e desde alli via o extranho movimento dos guardas em busca; reconhecendo porém que estava em um becco sem sahida, pois que as portas trazeiras do edificio se achavam cercadas por tropa, lançou-se de novo no elevador que o levou automaticamente ao ultimo andar, onde indecisamente accetou o offerecimento d'um quarto d'um hospede—; entretanto, ia decorrendo já uma hora de infructiferas buscas ás portas dos quartos onde o official correctamente, mas sempre de revolver aperrado indagava, e então, já impaciente, tornava o dono do hotel responsavel por aquella demora e da infructifera diligencia—; até que o hospede que humanitariamente o deixara esconder-se se responsabilizou de em 5 minutos o apresentar, o que effectivamente succedeu—apparecendo então esse homem a quem a coragem de tantos crimes faltava, naquelle momento, e por entre elles dos numerosos hospedes do hotel e num absoluto silencio—atravessa com um sorriso forçado no meio da escolta o espaçoso

corredor e o Hall do Hotel em direcção ao vestibulo, e uma vez alli e prestes a sair, acconchegou bem o seu famoso casaco de pelles e em voz sumida perguntou ainda pela ultima vez ao official se effectivamente ia preso, ao que seccamente retorquiu «Sim Senhor».

Talis vita finis ita.

Que differença entre a correcção de todos aquelles hospedes que assistiram mudos a este estranho cortejo adentro d'aquelle confortavel edificio, e a attitude criminosa d'aquelles sicarios que insultavam os presos politicos apontando-lhes armas á cara d'onde lhes arrancavam as barbas e lhes escarravam!

NOTICIARIO

Dr. Justino Cruz

Assumi o cargo de governador civil do districto, crêmos que por pouco tempo, o honrado republicano e nosso presado amigo snr. dr. Justino Cruz.

Ao dirigirmos as nossas saudações ao dr. Justino Cruz, a nós proprios nos felicitamos por ver na direcção do districto um homem de bem, intelligente e recto cumpridor dos seus deveres.

As nossas felicitações são tanto mais justas, por partirem de nós, que irreconciliáveis com o regimen, sabemos, comtudo fazer justiça a quem a ella tem direito.

Receba, pois, o novo e illustre governador civil os nossos affectuosos cumprimentos.

João Paulo Mexia

Este nosso querido e sympathico amigo, distincto alferes d'infantaria, foi nomeado commandante do destacamento da guarda republicana aqui destacado.

E' motivo, não para felicitar o nosso querido amigo João Paulo, mas sim para nós proprios dirigirmos as nossas saudações ao concelho de Guimarães, por vêr á frente do destacamento da guarda um rapaz decidido, intelligente, honesto e brioso.

Cumprimentando o novo commandante da guarda, desejamos-lhe sinceramente que tudo lhe corra sempre á medida dos seus desejos.

Parabens

Muito sinceros os dirigimos ao nosso presado amigo snr. Afonso de Miranda que foi nomeado administrador de Braga.

Foi uma nomeação bem acertada porque aquelle nosso amigo possui todas as qualidades para bem desempenhar aquelle cargo.

Mais uma vez dirigimos as nossas saudações, immensamente nos congratulando com a sua nomeação.

Apello á Caridade

Collecta em auxilio da Associação de Senhoras de Caridade de Guimarães.

Transporte.	137#200
Dr. Augusto José D. d'Araujo.	1#500
Somma.	138#700

Orpheon de Guimarães

Abre na proxima segunda-feira, 17, na casa High-Life, a venda de bilhetes para a recita de 8 de janeiro, commemorativa da fundação do «Orpheon de Guimarães». Teem preferencia os socios.

Affonso Mendes

Depois de uma injusta perseguição assumiu de novo o commando d'infantaria n.º 20 o nosso presado amigo e illustre coronel snr. Affonso Mendes.

O brioso e digno official, que nesta cidade é altamente considerado e respeitado, tem recebido muitos cumprimentos, pela justiça que lhe foi feita.

Ao distincto official os *Echos de Guimarães* dirigem as suas saudações, regosijando-se com a sua reintegração.

Fallecimento

A absoluta falta de espaço não nos deixou referir ao fallecimento da gentil menina D. Maria do Carmo, sobrinha do nosso amigo e importante capitalista snr. Augusto Mendes da Cunha.

A morte da desditosa creança foi muito sentida, não lhe tendo valido nem os carinhos e desvelos da sua estremecida familia nem da sciencia medica.

O funeral, realisado na Igreja da V. O. T. de S. Francisco, foi imponente, tendo uma assistencia numerosa e escolhida.

A chave do pequeno feretro foi entregue ao nosso querido amigo e illustre patricio snr. Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

A estimada familia anojada enviamos os nossos cumprimentos.

Reunião

No dia 13 do corrente, a convite do digno Professor primario de S. Clemente de Sande, snr. Dionisio Martins, reuniu a classe do magisterio primario, no edificio da Escola Central feminina d'esta cidade, para se tratarem assumptos de interesse commum. Organizada a meza sob a presidencia do digno Professor de S. João de Ponte, snr. Manoel Ferreira, este convidou para secretarios o snr. Dionisio Martins e a snr.ª D. Maria Miranda de Barros. Exposto o assumpto da convocação, foi deliberado expedir o seguinte telegramma, que a meza assignou com o assentimento da Assembleia:

Ex.^{mo} Ministro Instrucção — Lisboa.

—Em reunião classe maioria professorado primario Guimarães cumprimenta V. Ex.^a pedindo sejam concedidas subvenções á classe á semelhança outros funcionarios Estado. Pede mais suspensão immediata sindicancia seu Inspector por julgar injustiça sendo reintegrado já exercicio.

Manoel Ferreira, Dionisio Martins e Miranda Barros:

Em seguida, o professor de Santa Leocadia de Briteiros, snr. Joaquim Godinho, lembrou a necessidade que a classe tem de se aggregar para auxilio e defesa communs; por isso, depois de ser discutido o assumpto com verdadeiro interesse, ficou assente pedir aos restantes collegas, que nesta reunião não compareceram, para, na quinta-feira posterior ao dia 10 de Janeiro, todos se reunirem aos presentes para de novo se tratar da sua Associação, cuja utilidade é desnecessario encarecer, mormente na hora presente em que todos se aggregam para o avanço e conquista dos seus direitos como para o perfeito cumprimento dos seus deveres, o que isolados não poderão realizar tão utilmente. Ficou, por isso, resolvido que no futuro dia 17 de Janeiro, neste mesmo edificio se reúnam todos aquelles que dedicam á classe a sua estima que é, afinal, a estima de si proprios. E, não havendo nada mais a tratar, depois de se ter resolvido publicar nos periodicos locais e nos da classe este assumpto, foi levantada a sessão e

dispersa a Assembleia na mais sincera harmonia e solidariedade.

Guimarães, 13 de Dezembro de 1917.

Presidente, Manoel Pereira; Secretarios, Dionisio Martins e Miranda de Barros.

A nova auctoridade

Tomou interinamente, e cremos que por pouco tempo, a administração d'este concelho o snr. tenente de cavallaria 11 Hugo Castello Branco.

E' um official distinctissimo, verdadeiro homem honesto e muito intelligente.

Felicitemos, pois, a cidade de Guimarães, pela sua nova auctoridade, a quem calorosamente saudamos e em Sua Ex.^a saudamos todos os seus illustres collegas do 11 de cavallaria, que teem dado sempre provas de grande patriotismo, valor e coragem provando assim as gloriosas tradições da nossa Patria.

A officialidade de cavallaria 11 tem-se manifestado destemida e corajosa como poucas e com taes soldados um paiz não pode nem deve morrer.

Todos, todos os portuguezes nesta hora de regosio nacional saudam os vencedores do demokratismo e nós, juntando as nossas ás saudações de todos, particularmente as dirigimos ao valoroso regimento de cavallaria 11, que vem fazendo uma obra de verdadeiro saneamento moral.

Nesta saudação incluímos todo o exercito portuguez, que felizmente, acordou!

Padre Moreira Leite

Regressou á sua freguezia de Santa Euphemia de Prazins, de que é dignissimo abbade, o nosso presado amigo snr. Padre João Antunes Moreira Leite.

Este nosso amigo que, como dissemos, foi expulso de residir neste concelho por espaço d'um anno, foi esperado com grandiosas manifestações de regosio pelos seus parochianos e amigos, que os tem em elevado numero, tal é o prestimo e sympathia que o snr. Padre Moreira Leite tem.

Foi, uma manifestação de regosio, mas igualmente o foi de protesto contra os seus inimigos, que só o são por ser um padre exemplar e um amigo sincero e dedicado de todos aquelles que teem sido perseguidos por essa escumalha social, que a espada heroica e valorosa de Sidonio Paes expulsou para sempre!

Parabens ao Padre Moreira Leite e um abraço muito sincero a seu pae, o venerando ancião snr. Domingos Antunes Machado, nosso dedicado e querido amigo.

A bandeira azul e branca

Uma das surpresas que nos revelou o fim do *Mundo* foi a existencia naquela caverna de duas bandeiras azues e brancas. Comprehe-se! A fallecida gazeta jacobina, segura da victoria, já acusava nos seus numeros de 5 e 6 o movimento libertador de monarchicos e germanofilos. Preparava assim a annunciada *Saint-Barthelemy* dos *talassas*. As bandeiras azues e brancas serviam para se dar como encontradas entre os despojos dos vencidos. Não serviram porém para isso! Serviram mas foi para serem levantadas e beijadas com respeito por alguns do povo, quando caíram desdobradas na rua.

Não contavam este facto nte-ressante nem o *Seculo* nem a *Capital*. Pois deviam no ter registado, como não faltariam á verdade se dissessem que o busto da republica esteve quasi para vir da janella abaixo.

Instituto de Cegos Branco Rodrigues

Concurso no Conservatorio de Lisboa

O alumno do Instituto Branco Rodrigues (Estoril), Joaquim Nunes Pinto, o primeiro cego que, em Portugal, concluiu o Curso Geral de Piano, no Conservatorio, obtendo distincção em todos os annos, prestou no sabbado 27 de outubro brilhantes provas no concurso que fez naquelle estabelecimento do Estado, para ser admittido no Curso Superior de Piano.

Executou magistralmente a peça *Momento Caprichoso* de Weber e — o que é mais extraordinario — tocou á primeira vista a peça escolhida á sorte na ocasião do exame o *Capriccio* de L. Freitas Branco.

Para poder dar esta prova, foilhe á musica ditada por uma senhora; depois de a escrever em relevo, pelo systema Braille, decorou a immediatamente e no fim de poucos minutos executou a com uma correcção tal que causou o espanto do jury e da numerosa assistencia que enchia por completo o salão do Conservatorio.

O jury era composto pelos professores, snrs. Marcos Garin, Matta Junior, Gonçalves, Capristano Reis Carneiro, madame Angélique Beer e presidido pelo director da Escola de Musica snr. Francisco Bahia, que no fim do concurso abraçou effusivamente o talentoso alumno, felicitando-o pelas brilhantes provas que acabava de dar.

A destruição das estradas

A Propaganda de Portugal reclama, repetidas vezes, pela reparação do estado de ruina em que se encontram as estradas.

De dia para dia a nossa viação ordinaria peora extraordinariamente. Só quem percorre o paiz e passa pelas nossas estradas, qualquer que seja o meio de condução de que se sirva, é que pode fazer uma ideia exacta do estado em que as mesmas estradas se encontram. Não ha ninguém que se não constanja deante da ruina dos nossos macdams, inutilizando-se capitães enormes, que o paiz gastou com tanto sacrificio, e dos quaes os povos não tiram as vantagens que seria justo esperar. E' na Sociedade Propaganda de Portugal que se sente bem até quanto as estradas portuguezas se teem arruinado. As reclamações que ali se recebem são constantes e afflictivas.

Veem de toda a parte, e não dizem respeito apenas ás grandes vias de turismo. Não. Referem-se também ás simples estradas de comunicação, as quaes por falta de reparações, estão condemnadas a desaparecer.

E' que as verbas destinadas a concertos nos macdams que o transitio arruina, são deficientissimas. A do Districto de Vizeu, por exemplo, não vaé além de sete mil escudos. Uma miseria! Entretanto, a Propaganda de Portugal, apesar de saber que só com muitas centenas, se não milhares de contos, seria possivel remendar e recompor todas as estradas que dia a dia se inutilizam, nem por um momento deixa de chamar para o caso a attenção dos poderes publicos, que diga-se de passagem, jamais deixaram de mostrar a melhor vontade em ouvir as suas reclamações e os seus pedidos. Mas a falta de dinheiro é, ou tem sido insuperavel. Por isso é com inteira magua que a Propaganda de Portugal confessa que apesar dos seus esforços e dos seus bons officios não tem logrado levar até onde desejará a sua protecção ás estradas, traduzida em factos concretos. Como, porém,

ha-de chegar um dia em que se reconheça que não é possível nenhum progresso sem uma boa viação, a Propaganda continuará cumprindo o seu dever, chamando constantemente para este assumpto a attenção dos poderes publicos, os quaes hão-de, fatalmente, acabar por ouvir a corrente de opinião que, em favor das estradas, essa Collectividade representa.

SUBSCRIPÇÃO NACIONAL

Assistencia Religiosa em Campanha

Transporte ... 1:031:2055

Parocho: Elias Gomes, 20000 reis; Manoel Esteves, 120 reis; José Joaquim Dias, Manoel de Oliveira, José Marques, João Marques, Manoel de Carvalho, José Dias, José Macedo, José da Silva, Manoel da Cunha, João Vieira, Manoel Pereira, Antonio Dias, a 100 reis cada; José Gonçalves Guimarães, Custodia Vaz da Costa, Fortunato José Marques, Joaquim da Silva Godinho, Manoel Ribeiro, Joaquim Barbosa Machado, D. Emilia da Costa Marques, Rosa da Costa Marques, a 500 reis cada; João da Silva, 40 reis; Antonio Vaz da Costa, 10500 reis; José Teixeira, 300 reis.

Thereza d'Oliveira, Luciana Rosa Marques, Maria Thereza Gomes de Lima, José d'Oliveira, a 40 reis cada; Anna Vieira, Domingos Vieira, João da Silva Cunha, a 100 reis cada; Maria Gomes, Rosa Marques, Joaquina da Cunha, Maria Rodrigues, Adelia Exposta, Maria Marques, a 20 reis cada; Thereza Fernandes 10 reis; Domingos Pereira, 60 reis; Manoel Marques Gomes, 300 reis; José Vieira, 200 reis. D. Alzira Teixeira, 10000 reis; José Marques, Custodio Lopes, Antonio Marques Ribeiro, Luiz Gomes, Juvenal Duarte de Macedo, a 500 reis cada; Manoel Velloso, 400 reis; João Ferreira, 120 reis.

Antonio Vieira, Delfina Gomes de Lima, Francisco da Cunha, Maria Gomes da Cunha, a 40 reis cada; José Gomes, Manoel José da Silva Guimarães, Thereza da Costa, Manoel José da Silva Guimarães, P. João José Gomes, a 500 reis cada; Antonio Gomes, 120 reis; Manoel Gomes, Manoel Ferreira Marques, Joaquim da Cunha, José de Macedo, Maria Josefa Pereira, José Alves, Adelino Gomes Pereira, João Gomes de Lima, a 100 reis cada; José Ribeiro, Ermelinda de Macedo, Maria d'Oliveira, Vicente Exposto, a 20 reis cada; Thereza de Macedo, 50; D. Olivia da Costa e Silva, 800 reis; José Dias, 200 reis.

Thereza da Cunha, Avelino Marques, Maria Joaquina Marques, a 40 reis cada; João da Cunha, Domingos de Freitas, Miguel de Macedo, a 100 reis cada; Manoel de Macedo, 80 reis; D. Maria da Costa Marques, Thereza Fernandes de Macedo, Pedro Gomes, Antonio José Marques a 500 reis cada; Anonymo, 60 reis.

José Luiz Alves da Silva, 130 reis; José Martins, João Martins, a 40 reis cada; Manoel de Meira, José Augusto Fernandes, Manoel Joaquim Marques da Silva, Joaquim Gonçalves, Antonio José Martins, Roza de Meira, José Antonio Fernandes a 100 reis cada; Francisco Fernandes, Luíza da Costa, José Antonio da Silva, a 200 reis cada; D. Margarida Affonso Lopes, João Antonio Ferreira, José Ferreira de Castro, Luíza Maria da Costa Mendes, Padre João Ferreira Gomes, a 500 reis cada; Antonio Fernandes, 30 reis.

Phlomena de Jesus, 50 reis; Maria da Conceição, Anna Fer-

nandes, Olivia Pereira, Thereza de Jesus, Maria da Conceição, Florinda Roza, Thereza Pereira, Maria Roza, Oliveira, a 20 reis cada; Joaquina, 100 reis.

D. Amelia Fernandes Lage, Aristides Ribeiro da Costa, a 500 reis cada; D. Emilia Fernandes Lage, José Lopes de Abreu, D. Josepha Roza Gomes, a 200 reis cada; Helena Roza, Arminda Gomes, Roza Martins, Anna Joaquina, Antoria da Silva, Joanna Maria, José Fernandes, a 20 reis cada; João Lobo, 60 reis; Ambrosinda Ribeiro, D. Maria de Jesus Vieira da Costa, Antonio José de Amorim, João Ribeiro Cardoso, Antonio Salgado, a 100 reis cada; Domingos de Castro, 50 reis; Maria Roza, Constantino da Costa, a 40 reis cada; Patocho e alguns anonymos, 3000.

Somma ... 1:060:595

(Continua).

Gabinete de leitura dos Soldados Portuguezes em França

Pedimos aos nossos estimados assignantes o favor de mandarem os «Echos», depois de lidos, para os nossos soldados com a seguinte direcção:

Capellão da 3 B. I.

S. P. C. 3 — França

o que muito agradecemos.

ANNUNCIO

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª Publicação)

No Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do 3.º officio abaixo assignado, corre seus devidos termos um processo de acção de divorcio com assistencia judiciaria, em que é auctora Aurora d'Assumpção, casada, domestica, do Largo da Oliveira, d'esta cidade, e seu marido José d'Afonseca o «Barrimenta», morador que foi nesta dita cidade, ignorando-se actualmente o seu paradeiro, allegando a auctora que, esta e o reu deixaram de fazer vida conjugal por motivo d'este a maltratar com palavras offensivas da sua honra e dignidade de mulher casada, e pancadas, e que o reu está ausente do domicilio conjugal ha mais de cinco annos, não tendo mais noticias d'elle, pelo que são motivos legitimos para se divorciar do reu nos termos dos n.ºs 4.º, 5.º e 6.º do art.º 4.º da Lei do Divorcio.

E' neste mencionado processo correm editos de 30 dias que principiarão a contar-se depois da 2.ª e ultima publicação do respectivo annuncio, citando o reu José d'Afonseca o «Barrimenta», ignorando-se o seu paradeiro, para na 2.ª audiencia d'este Juizo, passado que seja o prazo dos editos, ver acular a mesma citação, e ali annunciarse-lhe o prazo de três audiencias para contestar, querendo, a mesma acção de divorcio, seguindo-se os mais termos legais.

As audiencias neste Juizo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dias feriados, sempre pelas 10 horas no Tribunal Judicial, sito na rua do Gravador Molarinho, d'esta cidade.

Guimarães, 8 de Dezembro de 1917.

Verifiquei,

O Juiz de Direito,

Santos.

O escrivão,

Luiz Candido Lopes.

Livros baratos em perfeito estado de conservação

Novo Dicionario Francez Portuguez, por José da Fonseca.
Manual de Direito Ecclesiastico Parochial para uso dos Parochos, por Antonio Xavier de Sousa Monteiro.
Catecismo Para uso dos Parochos feito por auctoridade de decreto do Concilio Tridentino, publicado por mandado do S.S. P. Pio V.
 Todos estes livros se vendem por metade do seu preço ou ainda por menos na Typographia Minerva. Ha apenas um exemplar de cada um.

NINHARIAS

FOR
 José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros committidos pelo sr. Anselmo Bramcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A venda na Papellaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.
 PREÇO 800 RS.

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á
 Papellaria e Typographia Minerva Vimaranes
 68, Rua de Payo Galvão, 72
 GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.º Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.º.
 Em brochura 50 réis
 Cartonado 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.º Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.º.
 Em brochura 50 réis
 Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.º Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.º.
 Em brochura 100 réis
 Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.º Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.º-2.ª edição.
 Avulso, franco de porta 30 réis
 Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porta, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel.
 Preço 20 réis
 Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

COMPANHIA DE SEGUROS "O FUTURO,"

Séde—Rua do Mundo—LISBOA
 TELEPHONES N.º 2771 e 3471 TELEGRAMMAS FUTURO
 Capital: UM MILHÃO DE ESCUDOS
 Esc. 1.000.000\$00
Seguros de vida, dotações para crianças, etc.
Rendas de sobrevivencia—Seguros Monte-Pio garantindo pensões liberaes desde Esc. 60000, pagos vitaliciamente pela Companhia aos herdeiros, beneficiarios, seja qual fôr o seu ESTADO SOCIAL OU EDADE. Seguros de Vida em caso de Guerra durante os serviços em campanha.
Seguros de Accidentes no Trabalho
 Seguros terrestres, seguros de mobilia contra incendio e roubo na mesma apolice pelo premio que antigamente custava só o seguro de fogo (\$20 cada 190\$00).
 Seguros de rendas de propriedades e lucros cessantes, em caso de incendio. Seguro de cristaes, grèves e tumultos, roubo, etc. Seguros contra bombardeamentos. Seguros Maritimos e Fluvias contra todos os riscos, incluindo GUERRA.
 Aceitam-se correspondentes e productores na provincia e angariadores em Lisboa
 Correspondente em GUIMARÃES
Benjamin de Mattos
 TOURAL, 105.

A MODELAR

ESCRITÓRIO:
 R. de Cedofeita, 1034 e 1039
 Para onde deve ser dirigida toda a correspondencia
 OFFICINA:
 R. Aliança, 190—PORTO
 Oficina de Repicagem de Limas
 DE **Lima & Carlos**
 Tabella de repicagem — Preços por lima

Polegadas	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Bastardo	\$08	\$09	\$10	\$11	\$12	\$13	\$14	\$15	\$16	\$17	\$18	\$19	\$20	\$21	\$22	\$23
Murça e grosas . . .	\$09	\$10	\$11	\$12	\$13	\$14	\$15	\$16	\$17	\$18	\$19	\$20	\$21	\$22	\$23	\$24

Grosas sapateiro, pequenas \$17, grandes \$22; grosas ferrador, pequenas \$40, grandes \$50
 OBSERVAÇÕES: Pagamento contra entrega de fazenda e sem desconto
 Correspondente nesta cidade: **Antonio Luiz da Silva Dantas**
 Rua de Payo Galvão, 70

Escola Académica de Guimarães

Instituto de educação e ensino, autorizado pelo Governo por alvará de 19 de Julho de 1916.
 Instrução Primária e Secundária, sendo esta frequentada no Liceu. Professores todos diplomados e inscritos.
 O seu reclamo tem sido feito pelos próprios alunos.
 D'isto se ufana a Escola Académica.
 No ano transacto frequentaram esta casa 102 alunos internos.
 O Director,
P.º José Maria da Silva.

Officina de Manoel Gonçalves Lobo

102—Rua de D. João I—104—GUIMARÃES
 Encarrega-se de canalisações para agua e gaz, interiores e exteriores, tanto em chumbo como em ferro, e todos os trabalhos da sua arte, tanto nesta cidade como fora.
 Executa trabalhos em metal, taes como:
 Lanternas e gazometros para automoveis, em cobre; alambiques para destilações, tanto antigos como modernos; e em chapa de ferro estanhada e por estanhar e fundição de metaes.
 Garante-se a solidez e perfeição.
 Modificam-se e concertam-se pulverizadores.
 Compra e vende metaes velhos de todas as qualidades.
 Fabricação de alambiques eapparehos em todos os sistemas.

A LUSITANA

Companhia de Seguros
 CAPITAL: 500.000\$00
Seguros de Vida
Rendas de sobrevivencia (monte-pio)
Dotes para crianças
Seguros contra fogo, seguros maritimos, cristaes, greves e tumultos

Direcção eleita em 1917:

Presidente da Direcção, Conde de Verride Proprietario e Capitalista	Administrador Delegado, A. Vasconcellos Correia Engenheiro Director da Real C.ª dos Cam. de Ferro Portuguezes	Director, Carlos Leitão Official Superior do Exercito
Presidente do Conselho Fiscal, Conde de Caria Proprietario e Capitalista	Medico da Companhia em Guimarães, Ex.º Sr. Dr. Leite de Faria	Correspondente em Guimarães, José Gonçalves Barroso

Livraria e Imprensa Civilização

75, RUA das OLIVEIRAS, 77 — PORTO

A BIBLIOTHECA PORTUGUEZA-EDITORIA, annexa á Imprensa Civilização, sita á Travessa de Cedofeita, 54, Porto, acaba de instalar-se na rua das Oliveiras, 75, antiga *Livraria Figueirinhas & C.ª*.
 A nova casa editora que fica pertencendo á Imprensa Civilização, tem á venda além das suas conhecidas edições muitas outras em Religião, Sciencia, Arte, etc.
 Fornece para revender nas melhores condições, dando grandes descontos em livros escolares, por ser a unica depositaria da serie escolar e demais edições da antiga casa *Figueirinhas & C.ª*.

Serie Escolar Figueirinhas

Primeiro Livro de Leitura.
Segundo Livro de Leitura.
Grammatica Portuguesa.
Educação Civica.
Historia Patria.
Manuscrito.
Chorographia.
Agricultura.
Sciencias naturaes.
Arithmetica.
Moral.
Caderno de Arithmetica (Operações, exercicios, problemas).
Cadernos de Escripta (cinco).
Escripta Direita (6 cad.).
Tabuada das Escotas.
Tabuada de 10 reis.
Geographia (Para os Lycens e Escolas Normaes).
Primeiras Leituras.
A B C do Estilo e da Redacção.
Manual do Estilo e de Composição (Para a 4.ª classe).

Outros Livros Escolares

Cartilha Portugueza, por A. Justino Ferreira.
A B C, por Adelino Campos.
A B C, por Manuel de Mello.
O Meu Livro, por José Agostinho.
Exercicios de Estilo, (Themas de Redacção e Composição, para as Escolas Primarias), por Manuel de Mello.
Civilidade, por José Agostinho.
Methodo Moderno, por Alfredo B. Serra.
Gymnastica Sueca, por Eusebio de Queiroz.
Resumo da Historia de Litteratura, "Antiga, Medieval e Moderna", (Segundo o programma official de 29 de Agosto de 1905) pelo General J. Corrêa dos Santos.
Resumo de Zoologia e Botanica, Para o 3.º anno dos Lycens. Idem para o 4.º, 5.º, 6.º e 7.º, pelo General J. Corrêa dos Santos.

São estes os melhores livros e os que devem ser adoptados pelos bons professores, pois em todos se usa a orthographia moderna.

Livros claros, em harmonia com os programmas, e baratissimos.

Grande Hotel Villas

Caldas das Tappas

O mais proximo dos antigos banhos. Ligado aos modernos pela nova avenida. Ampliado com novos quartos mobilados e sala de jantar, offerecendo todas as commodidades modernas. Com mais esta ampliação ficou a casa completamente remodelada.

Proprietario,
Francisco de Oliveira Villas.

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Estados U. do Brazil (anno)	2\$000 "
Paizes da União Postal	2\$500 "
Numero avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
 (Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha	60 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; editado num elegante opusculo, precedido da narração do interessante episodio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.
 Pelo correio 65 réis.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesse
 R. Payo Galvão—Guimarães.

Echos de Guimarães

IV Anno PUBLICAÇÃO SEMANAL Num. 190

Ex.º Snr.